



“Sejamos todas/os professoras/es antirracistas”: dissertação premiada que une ensino de História e feminismo negro nos anos iniciais

ENTREVISTA

CONCEIÇÃO, Hellen Pabline Leal¹

MENESES, Sônia²

DUARTE, Anna Luísa³

Resumo: A entrevista apresenta Hellen Pabline Leal Conceição, vencedora do Prêmio ProfHistória de Melhor Dissertação 2025 (turma 2023), autora de *“Sejamos todas/os professoras/es antirracistas”*. Ancorada em feminismos negros (bell hooks, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Angela Davis, Chimamanda Adichie), a pesquisa articula ensino de História, reparação simbólica e transformação social nos anos iniciais. Em Teresina (PI), Hellen desenvolveu o projeto “Personalidades Negras que Marcaram a História” com turmas de 5º ano, utilizando livros infantis e bonecas abayomi para trabalhar representatividade, identidade e pertencimento. Defendida no ProfHistória/UESPI (20 abr. 2024), a dissertação recebeu nota máxima e indicação para publicação, evidenciando contribuições pedagógicas e historiográficas para uma prática antirracista, lúdica e interseccional.

Palavras-chave: Ensino de História; antirracismo; feminismos negros; anos iniciais; representatividade.

O Prêmio ProfHistória de Melhor Dissertação celebra, anualmente, pesquisas de destaques produzidas no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História. O programa de rede nacional, que reúne 39 instituições de ensino superior espalhados pelo país, entre os cursos de mestrado e doutorado, apresenta um leque variados de pesquisas que têm impactado positivamente o cotidiano escolar no Brasil.

Na edição de 2025, que premia os trabalhos da turma de 2023, o trabalho de Hellen Pabline Leal Conceição ficou em primeiro lugar, ao refletir como o ensino de história pode ser também uma forma de reparação simbólica e de transformação social. Sua dissertação *“Sejamos todas/os professoras/es antirracistas: ensino de História e interlocuções dos pensamentos feministas negros para os anos iniciais do ensino*

¹ Mestre pelo Programa Profissional em Ensino de História e ganhadora do Prêmio Dissertação 2025.

² Profa. Dra. Docente da universidade Regional do Cariri, integrante da Coordenação Acadêmica Nacional.

³ Graduanda em História – bolsista de mídia de comunicação do Profhistória.

fundamental” reafirma a força das mulheres negras na produção do conhecimento histórico e educacional.

Natural de Caxias (MA), Hellen Pabline Leal Conceição iniciou a graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) em 2012, após aprovação pelo ENEM de 2011 na modalidade de cotas. Atualmente, atua como professora nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola particular de Teresina (PI), lecionando História e Geografia. Concluiu seu mestrado em 20 de abril de 2024, no Programa ProfHistória pela Universidade Estadual do Piauí (ProfHistória/UESPI - Campus Parnaíba). Sua dissertação, orientada pela Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho, foi indicada para publicação e recebeu nota máxima pelo mérito educacional, historiográfico e social.

Ao longo da formação e da trajetória docente, Hellen consolidou uma identidade como mulher negra e articulou sua prática ao ensino de História antirracista, em diálogo com os pensamentos feministas negros. Revisitando sua própria trajetória, Hellen construiu sua dissertação propondo um diálogo entre o ensino de História e os pensamentos feministas negros, partindo do olhar de uma educadora que reconhece em sua cor, gênero e trajetória, as marcas de um país ainda profundamente racializado.

Inspirando-se em autoras como bell hooks, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Angela Davis e Chimamanda Adichie, Hellen propõe um diálogo que intersecciona raça, gênero e ludicidade no ensino de História. O trabalho se concretiza na experiência do projeto “Personalidades Negras que Marcaram a História”, desenvolvido com turmas do quinto ano da Escola Municipal Professora Cristina Evangelista, em Teresina (PI). Utilizando livros infantis e a confecção de bonecas abayomi, a professora discutiu representatividade negra, identidade e pertencimento com as crianças.

Em conversa com o ProfHistória, Hellen falou sobre sua trajetória, os desafios e as motivações que orientaram sua pesquisa.

ProfHistória: *Hellen, nos fale Como você conheceu o ProfHistória e o que te motivou a ingressar no programa?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Conheci o ProfHistória por indicação de uma amiga, também professora de história. Nós conversávamos sobre o desejo de aprofundar nossos estudos e fazer um mestrado que dialogasse com o nosso cotidiano na docência, quando ela mencionou esse programa que havia conhecido em uma palestra. Achei imediatamente interessante a proposta do ProfHistória de valorizar a professora/professor também como pesquisadora/pesquisador e, no ano seguinte, em 2011, tentei a seleção.

ProfHistória: *Sabemos que é difícil conciliar o cotidiano da sala de aula com a pesquisa, contudo, essa própria experiência cotidiana pode ajudar no processo de reflexão. Como foi viver essa experiência de conciliar a docência e a pesquisa no ProfHistória?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Foi um desafio, mas também um percurso de muito aprendizado. As professoras e professores do polo UESPI/Parnaíba foram de grande importância ao longo de todo esse processo. As disciplinas ministradas, os textos escolhidos e as abordagens adotadas foram pensadas para auxiliar na escrita acadêmica e na elaboração do conhecimento. O espaço escolar, nosso lugar de vivência, pôde ser utilizado como espaço de pesquisa. Um ponto fundamental em minha experiência, e que acredito ser importante frisar, foi a preocupação que o programa teve em organizar com antecedência a disposição das disciplinas. Dessa forma, antes de o período letivo do ensino básico começar, já tínhamos ciência dos dias em que seriam distribuídas tanto as disciplinas obrigatórias quanto as optativas. Isso, para mim, foi de fundamental importância, pois pude ajustar meus dias de trabalho e estudo e, assim, consegui cursar as disciplinas sem prejuízos de choque de horários. Pensar a organização do curso e a socialização das informações com antecedência para o seu público, que abrange diversos grupos sociais com suas próprias especificidades, foi uma demonstração de comprometimento muito grande com o ensino e a pesquisa.

ProfHistória: *Sua escrita combina teoria e prática, unindo vivências, escuta e escrivência. A dissertação evidencia que o combate ao racismo precisa começar cedo, antes que a criança negra aprenda a se ver de forma inferior. Quais foram os principais aprendizados dessa trajetória do mestrado profissional?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Relembrar que a/o professora/professor também é um pesquisador em sala de aula. Esse foi um dos aprendizados mais importantes para mim, pois me senti valorizada enquanto profissional ao longo do percurso do mestrado. Nós levantamos hipóteses, nos deparamos com situações-problemas, avaliamos, relacionamos conhecimentos diversos, experimentamos e produzimos conhecimentos. O ambiente acadêmico universitário ainda guarda uma distância muito grande do ambiente escolar. No entanto, com o ProfHistória, vi esses universos se aproximando, dialogando. Aprendi o quão necessário e possível é estabelecer aproximações entre as narrativas históricas e o ensino de história, pois pensar um projeto de sociedade e de ser humano é também refletir sobre o nosso sistema educacional e construir uma educação comprometida com a transformação social nos vários níveis de ensino. Dessa forma, no mestrado profissional vi a valorização do ambiente escolar enquanto um espaço complexo e que deve receber também esse olhar como ambiente de pesquisa no campo da História. No ProfHistória, também aprendi a lançar um olhar mais amplo para a ciência História e a constituição do campo historiográfico, a partir do compromisso que as/os professoras/professores estiveram promovendo discussões atualizadas do campo das humanidades. Por exemplo, conheci os estudos decoloniais ao longo do mestrado e me aprofundei nas discussões teóricas proporcionadas por pensadoras negras, o que gerou em mim mudanças significativas em minhas construções de percepções de mundo, de educação e de pesquisa.

ProfHistória: *Como soube da seleção do Prêmio ProfHistória de Melhor Dissertação, como você e sua orientadora decidiram fazer a inscrição?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Recebi um incentivo muito grande da minha professora-orientadora, Dra. Joseanne Zingleara Marinho, que me acompanhou com um olhar atento por todo o percurso de pesquisa e escrita. Sua dedicação, acolhimento, sabedoria e organização deram a esse trabalho dissertativo a possibilidade de existir da

forma como foi apresentado à seleção do Prêmio ProfHistória de Melhor Dissertação. Nós acreditamos muito no trabalho que foi desenvolvido e o levamos para a seleção a fim de vivenciar essa oportunidade.

Profhistória: *Fale-nos um pouco de sua trajetória e que significou para você receber o primeiro lugar nesse prêmio?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Significou uma vitória muito grande para mim e minha família. Eu sou natural de Caxias, cidade do Maranhão, e migrei para Teresina, capital do Piauí, para cursar Licenciatura em História na UFPI. Então, todo esse processo de deslocamento foi desafiador. Morar em uma cidade nova, arcar com os custos financeiros que advêm disso (vindo de uma família com baixo poder aquisitivo), ficar longe dos familiares mais próximos, conhecer novas pessoas, passar por um processo de constituição de me entender enquanto uma mulher negra e estudar... tudo isso foram camadas desafiadoras. Pensar nessa premiação me faz celebrar uma vitória que é nossa! Minha mãe e meu pai são incentivadores constantes para que eu e minha irmã continuemos estudando, e é muito importante receber esse reconhecimento. Receber essa premiação me emociona muito, pois reflete um compromisso de todo o corpo docente do ProfHistória, polo UESPI/Parnaíba, com o ensino e a pesquisa, que me incentivaram, acolheram, mostraram caminhos e torceram por mim. A educação mudou minha vida. O acesso ao ensino público básico, universitário na graduação e na pós-graduação, são marcos importantíssimos na minha trajetória; tive essa grande felicidade. Agradeço imensamente à instituição pública de ensino de Teresina que me acolheu, à minha família, às/aos amigas/amigos e companheiras/companheiros de profissão pelo acolhimento nesse percurso.

Profhistória: *Sua dissertação traz uma perspectiva dos pensamentos feministas negros. Como essa identidade como mulher negra influenciou o desenvolvimento da sua pesquisa?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Os pensamentos feministas negros me levaram a refletir sobre mim mesma, sobre as narrativas históricas e sobre o ensino de história. Por isso, tive a preocupação de apresentar ao longo da escrita dissertativa diversas intelectuais negras que dialogam com diversas temáticas, como educação antirracista, identidade, infâncias negras, currículo, relato de experiência, escrita acadêmica e ensino de história. O material de intervenção produzido, em formato de Caderno de Atividades, veio desse desejo de elaborar propostas de combate ao racismo na escola. Construído para ser lido por professoras e professores, foi pensado diante de uma necessidade de pensar maneiras rápidas de acesso ao conhecimento desenvolvido por pensadoras feministas negras e alternativas de utilização das abordagens propostas por elas, em meio à carga horária de trabalho na docência do ensino básico. As quatro pensadoras que compõem o material são: a nigeriana Chimamanda Adichie, a estadunidense bell hooks, a brasileira Lélia Gonzalez e a também brasileira, Letícia Nascimento, do Piauí. No material, eu contextualizo quem são as pensadoras (de onde vieram, os estudos que desenvolveram, os textos que publicaram) e, em seguida, escolho um conceito ou formulação discutido por essas autoras. Associo esse conceito a outras sugestões de leituras acadêmicas, livros infantojuvenis, vídeos, filmes, brincadeiras, músicas, enfim, materiais que podem ser utilizados em sala de aula a partir da produção intelectual dessas autoras e do que elas nos ensinam.

ProfHistória: *No primeiro capítulo, você fala sobre o processo de se reconhecer como mulher negra e professora-pesquisadora. Como essas vivências atravessam sua escrita e seu modo de ensinar História?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Fiz o ENEM com o objetivo de cursar Licenciatura em História e fui aprovada na lista de cotistas, tornando-me discente da UFPI no ano de 2012. Mas, até aquele momento de ingresso em uma universidade pública e de me ver diante de uma autoidentificação, nunca tinha realmente parado para pensar na construção histórica da minha cor e como eu me inseria nesse contexto. Com as vivências proporcionadas pelo ambiente daquela universidade, percebi que havia outras possibilidades de existir e, aos poucos, ser negra apareceu para mim como categoria de pertencimento. Foi um processo doloroso e difícil, pois comecei a desenvolver uma maior consciência do mundo que me rodeava. Cursei a disciplina optativa “História e Relações de Gênero”, que me proporcionou novos horizontes epistemológicos, levando-me a adotar os estudos das relações de gênero como minha área de interesse de pesquisa e a refletir sobre a categoria “mulher” como um marcador social que também me atravessa. Em uma disciplina obrigatória específica para o curso de licenciatura, materializou-se, para mim, o entendimento de que eu não era apenas “mulher”, era também “negra”. A professora da disciplina colocou em uma de suas aulas a palestra “O perigo de uma história única”, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e vi algo que não tinha visto de forma tão nítida antes: uma mulher negra falando sobre suas pesquisas e vivências. Naquele dia, eu ganhei uma referência positiva de mulher negra pesquisadora. Durante a graduação na UFPI, também atuei como integrante do PIBID, onde tive contato com a educação básica pública agora como uma pessoa que estava se constituindo professora e pesquisadora. Nessa experiência, vivenciei situações que me transformaram para sempre. Vi a distância e a aproximação que a academia estabelecia com o espaço escolar. Nas vivências de estágio supervisionado, lembro de uma criança, do ensino fundamental de uma escola de periferia da cidade de Teresina, que um dia olhou para o meu cabelo crespo e começou a rir. Disse que meu cabelo era feio. Aquela criança era negra. Muito provavelmente seu cabelo era próximo ao meu, mas cortado curto, a estrutura da sua fibra capilar foi silenciada. Lembro de ter pensado que esse momento foi muito violento para nós duas. Para a criança, por não entender bem como aquilo era violento para si. Para mim, por perceber como a sociedade instaura em nós as opressões racistas. Como será que essa pessoa se vê hoje? No ano de 2019, tive contato de forma mais aprofundada com a literatura e estudos de pensadoras feministas negras, principalmente para me entender. As redes sociais foram espaços importantes de informação e conhecimento acerca dos pensamentos de mulheres negras, o que me levou a indicações de livros, *lives* e *podcasts*. Atualmente, sou professora de uma escola dos anos iniciais do ensino fundamental, experiência que me trouxe vivências que também são partes fundamentais de meus entendimentos sobre docência, das minhas práticas, leituras e experiências como mulher negra. A soma da minha graduação, o entendimento de que sou uma mulher negra e a minha experiência em sala de aula com crianças são alguns dos fatores que me levaram a chegar até aqui: no Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória. Hoje reflito muito mais sobre como ocupar esse espaço de professora negra é potente, representativo e, principalmente, luta de muitas e muitos que vieram antes de mim. Por isso, o interesse da pesquisa dissertativa, que se tornou reflexão constante sobre o meu modo de ensinar a História, foi pensar possibilidades de um ensino de história antirracista ao interseccionar Raça e Gênero, por entender que é fundamental partir de abordagens que não coloquem as pessoas negras em um lugar de inferioridade ou

associadas apenas à escravização, o que leva a um reforço do racismo no ambiente escolar. Conhecer e ler pensadoras feministas negras me possibilitou pensar na importância de se pensar alternativas para trabalhar com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental os processos de autoidentificação e valorização de suas possibilidades de existir.

Profhistória: *Que desafios você percebe ainda hoje para as mulheres negras no campo acadêmico e no ensino de História?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Políticas públicas como as cotas e os programas de assistência à permanência nas universidades foram e continuam sendo passos importantíssimos para a visualização de um maior número de mulheres negras nas universidades, que trazem consigo perspectivas diversas para o ambiente acadêmico. Porém, ainda é incipiente a presença de estudos desenvolvidos por mulheres negras nos planos de cursos das disciplinas das universidades, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Muito vem sendo produzido e, por isso mesmo, é necessário abrir as universidades à produção intelectual de pensadoras negras.

Profhistória: *De onde surgiu a ideia de trabalhar com os pensamentos feministas negros nos anos iniciais do ensino fundamental?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Veio de uma necessidade pessoal de aproximar os estudos que vinha desenvolvendo acerca dos pensamentos feministas negros e minha prática enquanto professora dos anos iniciais. Ao trabalhar com crianças, me deparei com diversas situações que me marcaram, em que as opressões raciais se fizeram sentir na organização dos conteúdos, nos currículos correspondentes à fase de escolaridade, nos comentários e percepções de mundo das crianças, e na própria necessidade de valorização das várias formas de existir. Encontrei nessas leituras esperança e resistência para trabalhar a História de forma mais plural com crianças.

Profhistória: *Quais autoras e autores foram fundamentais para te inspirar nessa construção teórico-metodológica?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Ao ter contato com pensadoras feministas negras, como Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Nilma Lino Gomes e Eliane Cavalleiro, fui levada a refletir sobre a importância de nós, educadoras/educadores e pesquisadoras/pesquisadores, pensarmos nos efeitos de alguém se sentir superior em sua humanidade e nos efeitos da desumanização no contexto escolar. Conhecer Lélia Gonzalez me possibilitou pensar que o lugar (de fala) em que nos situamos irá interferir em nossas interpretações sobre os fenômenos do racismo e do sexismo, de forma que conhecer a perspectiva de pensadoras negras constitui um aporte teórico-metodológico importantíssimo para sofisticar nossas análises históricas e de ensino. Esse conjunto de escrituras, como diz Conceição Evaristo, do conhecimento produzido a partir das interações entre a intelectualidade elaborada por essas pensadoras e seu ativismo, me fez perceber que essa luta por uma sociedade mais justa e democrática precisa da participação de todas e todos. Eliane Cavalleiro, ao abordar o conceito de Educação Antirracista, diz que é necessário reconhecer o problema do racismo. E as intelectuais negras, a epistemologia desenvolvida por mulheres negras, nos instrumentalizam para reconhecer esse problema, para entender o racismo como um sistema complexo que organiza nossa sociedade e nosso jeito de pensar, e que atinge de diferentes formas os

variados grupos que compõem nossa sociedade e o ambiente escolar. Também foram indispensáveis para a realização da construção teórico-metodológica o autor Tomaz Tadeu da Silva, para estudar o currículo como discurso e documento de identidade; Kabengele Munanga, para entender a construção histórico-social do marcador “raça”; e Miguel Zabalza, a partir de quem conheci a utilização do Diário de Aula como importante instrumento metodológico para a pesquisa e para as análises do processo.

Profhistória: *Você fala sobre o perigo de uma “história única” (inspirando-se em Chimamanda Adichie). De que forma isso se manifesta no ensino de História, especialmente nos primeiros anos da escola?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Essa é uma pergunta central para quem pesquisa e atua com Ensino de História, especialmente em uma perspectiva antirracista. O conceito de Chimamanda Adichie, o que ela chama de “o perigo da história única”, é, talvez, a ferramenta mais persistente de manutenção de hierarquias no ambiente escolar. Nos anos iniciais, a história única pode se manifestar, por exemplo, no apagamento e na repetição de uma única perspectiva. A narrativa da população negra no Brasil começar com a escravidão constitui uma história única de passividade, o estereótipo do negro “escravo” ainda perdura no imaginário social. Essa narrativa apaga as lutas por liberdade e os milênios de história das civilizações africanas, o que cria narrativas desumanizadoras, limitadas e unicamente negativas sobre as pessoas negras. Nesse contexto, as/os estudantes, muitas vezes, se sentem enfraquecidas/enfraquecidos e não sabem assumir com orgulho as suas diferenças, como a estética e os valores. Nos anos iniciais, as crianças estão construindo suas percepções de mundo e sua própria identidade, por isso, é preciso chegar antes, para que possam construir um olhar crítico acerca da história brasileira e referências positivas de si. Falar sobre representações positivas de personalidades negras é uma temática que interessa não apenas às crianças negras, mas também às crianças brancas. Ambas precisam estabelecer diálogos com essa temática. Combater a história única no início da escolarização, portanto, não é apenas uma questão de “incluir” novos personagens; é uma necessidade urgente de apresentar narrativas diversas para que as crianças, toda elas, entendam que existem muitas formas de ser e de fazer História.

Profhistória: *Que impacto você espera que essa pesquisa cause em outras/os professoras/es que trabalham com crianças?*

Hellen Pabline Leal Conceição: As propostas apresentadas ao longo da pesquisa não pretendem resolver sozinhas o longo processo do racismo e sexismo institucionalizado e estruturado em nossa sociedade brasileira, processo esse que atravessa nossas mentes, corpos, humanidades, instituições acadêmicas e escolares, mas sim oferecer um diálogo, a partir de vivências que não são só minhas, para colaborar com um movimento transgressor e transformador que sabemos ser necessário, possível e em construção na educação básica. Então, espero que esse diálogo leve a pensar que é importante que pessoas brancas participem da luta antirracista, pois a luta é coletiva. Espero que esse diálogo também leve a pensar que a educação de crianças, negras e brancas, tem que ser pensada como um projeto para uma sociedade mais justa e livre. Por fim, espero que esse trabalho seja um diálogo com outras professoras e professores, um caminho para conhecer os pensamentos feministas negros, executar, reler, discordar, ir além do que foi produzido... É no diálogo que podemos pensar nossas atitudes e nosso compromisso com

uma sociedade mais igualitária e uma escola mais plural, na qual crianças e adolescentes tenham a oportunidade de ser e se tornar todas as possibilidades imagináveis.

ProfHistória: *O que você diria para as/os professoras/es que estão pensando em ingressar no ProfHistória?*

Hellen Pabline Leal Conceição: Façam a seleção! O ProfHistória mudou minha vida e vem abrindo importantes oportunidades pelos meus caminhos. Eu sou muito apaixonada pela proposta do programa, tenho muito orgulho em dizer que fiz meu mestrado no ProfHistória, porque mudou minha forma de pensar a História, mudou minha forma de pensar o ensino, é inovador, temos contato com discussões extremamente atuais. Eu sou realmente muito fã do ProfHistória e fico feliz quando as pessoas dizem que vão tentar. O melhor mestrado profissional para professoras e professores de História! Viva o ProfHistória!

ProfHistória: *Que mensagem você deixa para quem acredita na transformação da educação por meio de uma prática antirracista e feminista?*

Hellen Pabline Leal Conceição: A ciência História e a escola são importantes espaços para se pensar os diversos agentes sociais educativos, a escrita da História, a organização escolar e as nossas concepções de humanidade. Começar por si mesma/mesmo é um passo importante, pois a transformação da prática pedagógica passa pela nossa própria transformação. A luta por uma educação antirracista e feminista negra é uma luta coletiva. Um livro que escolhemos, uma intervenção contra um comentário racista, um planejamento que foge da lógica eurocêntrica, são ações que aos poucos ganham proporções maiores, nas quais as várias instituições da sociedade precisam participar. Cada criança e adolescente que tem a oportunidade de ver sua história contada com dignidade e que aprende a respeitar a história do outro é um passo real em direção a uma sociedade mais justa. O que nós fazemos é potente. Uma educação baseada em uma visão feminista crítica, que esteja disposta a educar garotos e homens, junto com a conquista de direitos de garotas e mulheres, pode elaborar um movimento que seja realmente para todo mundo e colabore para uma sociedade livre. Sigamos! Sejam todas/todos professoras/professores antirracistas.

COMO CITAR: CONCEIÇÃO, Hellen Pabline Leal, MENESES, Sônia; DUARTE, Anna Júlia; *“Sejam todas/os professoras/es antirracistas”: a dissertação premiada que une ensino de História e feminismo negro nos anos iniciais. Entrevista. Disponível em: [“Sejam todas/os professoras/es antirracista”: dissertação premiada que une ensino de História e feminismo negro nos anos iniciais – ProfHistória](#). Publicado em: 5 nov. 2025.*